

A ancestral questão da dúvida entre a liberdade e a necessidade **Rudolf Steiner**

GA 219* Décima conferência Dornach, 29 de dezembro de 1922

Tradução: Salvador Pane Baruja, 28/06/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Nas conferências realizadas aqui pouco antes do Natal^{NT}, foram feitas referências às relações entre o ser humano e o cosmos como um todo, especialmente às forças anímico-espirituais que tecem e vivem no cosmos. De certa forma, hoje eu gostaria de retomar o tema, mas a partir de uma observação independente do que fora apresentado naquelas conferências.

A vida humana, assim como ela se desenrola entre a vivência da natureza e a vida interior tanto da alma como do espírito humanos, está situada entre dois polos. A perspectiva que surge dessa contraditória polaridade influencia uma grande quantidade de pensamentos que o ser humano tem que desenvolver sobre a sua relação com o mundo.

De um lado, surge a chamada necessidade natural diante do pensamento e do sentimento humanos. O homem sente-se dependente, pode-se dizer que deve sentir-se dependente, da necessidade das leis de ferro em vigor que ele encontra por toda a parte no mundo e que o também o atingem, porque a sua organização física, bem como a etérica, está ligada ao mundo exterior.

Por outro lado, no ser humano vive o sentimento – em toda natureza humana sadia deve existir esse sentimento – de que a sua dignidade não seria completamente realizada, se ele fosse privado da liberdade na vida que transcorre do nascimento até a morte. Esses são os dois polos: a liberdade e a necessidade.

Os senhores sabem muito bem que, na era das ciências naturais, que apresentei em conferências paralelas à presente¹, o imperativo dos fatos se encontra por toda parte na natureza exterior e também se estende a tudo o que parte do ser humano. Muitos dos representantes {das ciências naturais} chegam ao ponto de observar que a liberdade é algo impossível, uma ilusão, que somente vive na alma do ser humano porque, quando a sua volição é confrontada com uma decisão, ele sente como essa necessidade age nele, mostrando, de um lado, as razões a favor {da decisão em questão} e, do outro, as razões contra.

Segundo essa interpretação, na verdade não é o ser humano quem toma uma decisão, mas as razões mais fortes e mais numerosas. Elas vencem as outras razões, que também exercem certa pressão nele, mas com menos força e em menor número. Afirma-se, assim, que o ser humano é simplesmente arrastado pelos impulsos que resultam das necessidades que agiram nele. Muitos representantes desta corrente afirmam que o ser humano acredita ser livre apenas porque a complexidade dessas razões, que se contradizem com um sim e com um não, não lhe permite sentir que ele é levado de um lado para o outro, até que a suave oscilação de uma das categorias das razões inclina o prato da balança e ele é mesmo arrastado {por esse movimento}.

Do lado oposto {desta interpretação} está não apenas a consideração de que, se o ser humano realmente fosse um brinquedo dos impulsos do sim e do não, a dignidade humana no mundo não seria realizável, mas principalmente {o argumento de} que o sentimento de liberdade vive na volição

NT: Steiner refere-se possivelmente às conferências proferidas de 17 a 23 de dezembro de 1922.

1 Vide GA 326 *O momento do surgimento das Ciências Naturais na história da humanidade e o seu desenvolvimento desde então*, nove conferências realizadas em Dornach, de 24 de dezembro de 1922 a 6 de janeiro de 1923.

humana. Uma pessoa imparcial não tem a menor dúvida de que, se ela se deixar enganar por qualquer teoria sobre esse sentimento de liberdade, realmente também será enganada pelas mais simples percepções sensoriais. Se a mais simples vivência da liberdade que existe na esfera do sentir humano conduzir à ilusão, assim também as vivências da cor vermelha, do dó sustentado e outras serão igualmente enganosas. É característico da nova visão de mundo das ciências naturais que muitos de seus representantes apreciam tanto a teoria que vêem-se tentados a ignorar a absoluta necessidade natural, que também inclui a ação humana, a volição humana, e se expressa na experiência que representa a vivência da liberdade.

Mas essa questão da liberdade e da necessidade, com todos dos seus muitos efeitos secundários na vida anímica, mantém uma relação muito mais profunda com a corrente do mundo do que as ciências naturais ou mesmo as vivências diretas diárias da alma poderiam indicar. Na época em que a percepção humana ainda era muito diferente {da atual}, a alma humana já convivia temerosa com essa dúvida.

Nas conferências proferidas em outro ciclo que também apresentei aqui^{NT}, os senhores puderam ver que o pensamento natural, o pensamento das ciências naturais da época moderna, não é tão antigo assim. Se nos remontarmos a épocas mais antigas {da história humana}, vamos encontrar um pensar humano, visões de mundo, que são igualmente muito unilaterais do ponto de vista espiritual, assim como as atuais visões naturalistas se tornaram unilaterais. Recuando ainda mais no tempo, encontramos cada vez menos visões de mundo imbuídas do que hoje em dia chamamos de necessidade natural. Mesmo as visões de mundo da antiga Grécia não continham nada disso da chamada necessidade natural, pois, na essência da tonalidade do seu pensamento, a necessidade {da alma} grega era algo completamente diferente {da atual necessidade anímica}.

No passado mais remoto ainda, encontramos que, no lugar do conceito de necessidade natural, existem forças em ação, forças que, devido à sua amplitude, são atribuídas a uma providência divino-espiritual. Se os senhores permitirem uma expressão trivial para quem efetivamente pensa do ponto de vista das ciências naturais, as forças da natureza agem igualmente como o ser humano com determinadas intenções, assim como também os pensadores da antiguidade achavam das forças espirituais, só que estas eram muito mais abrangentes do que as intenções humanas.

Mesmo nesta visão de mundo totalmente espiritual, o homem da antiguidade dirigia o seu olhar para as forças divino-espirituais que condicionavam a vontade humana e sentia-se determinado por elas, da mesma maneira que o intelectual moderno que pensa a partir {do arcabouço} das ciências naturais se sente subjugado pelas leis da natureza. Apesar da liberdade humana ser uma vivência direta, para muitos daqueles que se alinhavam com esse antigo determinismo espiritualista, ela possuía pouca importância, assim como também ocorre com os naturalistas da atualidade. Estes pensam que a necessidade da natureza se manifesta através da ação humana. Em épocas passadas, os espiritualistas pensavam que as forças divino-espirituais agiam segundo suas próprias intenções por meio da ação humana.

Basta comparar simplesmente essas duas visões de mundo absolutamente opostas em relação à questão sobre a liberdade e a necessidade para concluir que, observando superficialmente as coisas e os eventos, não é possível de maneira nenhuma aprofundar essa premente interrogação

NT: Não consta da edição em alemão aqui utilizada a que conferências se refere Rudolf Steiner.

quanto à vida e ao decorrer do mundo. É preciso olhar profundamente aquilo que é o decorrer do mundo— de um lado, o transcorrer da natureza e, do outro, o desenvolvimento espiritual —, o que só é possível a partir da visão de mundo da Antroposofia para poder efetivamente captar o sentido desta questão que balança o ser humano.

Bom, convencionalmente o decorrer da natureza é visto de maneira extremamente limitada. Isso significa que tenta-se introduzir no laboratório de maneira muito especial eventos e processos arrancados de seus contextos, mesmo no escopo de observação pelo telescópio, ou subordiná-los a experimentos, e dessa forma entra-se numa região muito estreita, que limita por completo a observação do transcurso da natureza e do mundo. Pode-se dizer que aqueles {cientistas} que observam o anímico, o espiritual, imitam os naturalistas. Eles têm medo de compreender a totalidade do ser humano em relação à sua vida anímica. Eles se “especializam” em criar minúsculas relações entre determinados pensamentos ou farrapos de sentimentos isolados e ficam esperando que, a partir dessas minúsculas relações, algum dia realmente será possível criar uma Psicologia, da mesma forma que tentam gerar uma espécie de visão de mundo físico a partir de observações e experimentos isolados realizados em laboratórios de física e química, em clínicas, etc.

Na verdade, todas essas observações nunca conduzem a uma compreensão global, seja na área material, seja na área anímico-espiritual. Assim como não se deve ser contra o direito dessas pesquisas especializadas – nas minhas outras conferências já mostrei que elas se justificam a partir de certos pontos de vista –, devo também enfatizar que o ser humano nunca poderá chegar a uma compreensão do mundo iluminada pelos acontecimentos do mundo a partir de suas observações e experimentos isolados, a menos que a natureza, ou mesmo o mundo, demonstre ao ser humano o que resulta da ação conjunta dessas peças isoladas.

Nunca será possível chegar a uma compreensão global do organismo humano somente a partir de pesquisas de células e processos hepáticos ou cerebrais, porque estes trabalhos levam à particularização e não à totalidade. A menos que, desde o início, exista uma idéia global, espiritual, dessa totalidade do organismo humano, para, aí sim, por meio de pesquisas isoladas refazer o caminho até a totalidade. Da mesma maneira, enquanto a Química, a Astroquímica, a Física, a Astrofísica e a Biologia se limitarem a estudos isolados, não poderão fornecer uma imagem de como as diferentes forças e leis naturais que vivem no nosso mundo agem conjuntamente na sua totalidade. Isso só será possível quando o ser humano desenvolver a habilidade de captar na natureza algo parecido ao que ele consegue encontrar nas particularidades dos processos vivos, nos processos renais, cardíacos, cerebrais, na totalidade do organismo humano. Só depende simplesmente de mostrar em que ponto do ser do mundo todas essas forças que se apresentam {isoladamente} em nosso meio agem como uma totalidade coerente.

De fato, poderíamos dizer que talvez somente num futuro mais distante serão descobertas determinadas ocorrências no fígado, no cérebro, do ser humano que gerem uma certa satisfação biológica. De qualquer forma, na medida em que um ser humano observar um outro, pode-se sempre dizer que, aquilo que vive em interação recíproca no fígado, no estômago, no coração, gera efeitos na totalidade do ser humano dentro dos limites de sua pele. Nesse conjunto fechado, está contida na sua absoluta totalidade a interação recíproca de efeitos químicos, físicos e biológicos que têm a ver com a natureza humana. Para chegar a isso, não é preciso observar as particularidades.

É possível também ter acesso a um conjunto fechado das forças e das leis da natureza que agem em torno do ser humano? De certa forma, é possível. Para evitar mal entendidos, enfatizo que, evidentemente, essas totalidades são relativas, porque podemos, por exemplo, reunir todas as

ocorrências ligadas à orelha e assim termos uma totalidade relativa. Também podemos reunir todas as ocorrências do ouvido até o cérebro e teríamos assim também uma totalidade relativa. Juntando ambos, temos uma totalidade relativa maior, à qual, por sua vez, também pertencem a cabeça e o conjunto do organismo {humano}. Assim também será quando tentarmos reunir, por meio das forças e das leis que têm a ver com o homem, a totalidade do ser humano.

Um primeiro exemplo da compreensão da totalidade é o decorrer do dia. Por mais paradoxal que inicialmente possa ser, de certa forma o decorrer do dia é um resumo de determinadas leis da natureza ao nosso redor que existem no conjunto da natureza total. Durante o decorrer do dia, simplesmente acontecem processos em nós e em nosso ambiente que, se esmiuçados, seriam desagregados nos mais diferentes processos físicos, químicos, etc. Pode-se afirmar que o decorrer do dia é uma espécie de organismo temporal, um organismo temporal que reúne uma soma de processos naturais, que nós, em outras situações, estudaríamos isoladamente.

O decorrer do ano constitui uma totalidade bem maior. Ao se observar todas as transformações que ocorrem no mundo exterior em relação à Terra e à humanidade durante o decorrer do ano, por exemplo, as ocorrências que acontecem com as plantas e os minerais de uma primavera até a próxima, aí os senhores têm um organismo temporal resumido, que, caso contrário, observariam de maneira dispersa em diversas pesquisas, assim como no organismo humano existe um resumo das ocorrências do fígado, dos rins, etc. De fato, o transcorrer do ano é uma soma orgânica daquilo que podemos pesquisar isoladamente nas ciências naturais – a expressão soma orgânica não é muito adequada, mas é preciso usar palavras para exprimir esse fenômeno.

Pode-se dizer algo um pouco leviano, mas os senhores logo sentirão o seu profundo significado. Para que o ser humano não tenha essa mesma relação abstrata com a natureza ao seu redor que exhibe nas suas descrições dos experimentos físicos e químicos, ou que expressa nas teorias sobre plantas e animais, ele deve receber do cosmos as imagens dos organismos do decorrer do dia e do decorrer do ano. De certa forma encontra neles algo semelhante a si mesmo e, portanto, queremos aprofundar um pouco esse aspecto.

Vejamos primeiro o decorrer do ano. Quando olhamos para ele da mesma forma que fizemos na última conferência antes do Natal, vemos que é uma soma de processos pelos quais plantas nascem, desenvolvem-se em folhas verdes e, mais tarde, em flores. São incontáveis processos naturais que se desenrolam da vida nas raízes para a vida nas folhas verdes e na vida das pétalas coloridas. No outono, vemos na natureza exterior que acontecem processos muito diferentes, quando as plantas murcham, secam e morrem. De fato, nós temos aí uma unidade orgânica, que resume os acontecimentos do mundo do nosso entorno.

No verão, vemos o que cresce na Terra, incluindo o mundo animal, em especial os animais inferiores. Observem os senhores como o mundo dos insetos age e parece um formigueiro, como, de certa forma, se eleva sobre a Terra, como se entrega ao cosmos, especialmente àquilo que se forma pela ação do sol a partir do cosmos. Vemos, portanto, como a Terra abre todos os seus órgãos para a imensidão dos mundos e, assim, surgem os processos ascendentes da Terra, que se dirigem tendencialmente para a imensidão dos mundos.

Durante o outono e ao longo do inverno, vemos como aquilo que brota na primavera e aspira elevar-se até a imensidão dos mundos cai novamente no chão e como a Terra ganha mais poder sobre a vida que nasce e brota até levá-la a uma espécie de morte aparente, ou pelo menos a envolve num estado de sono, como a Terra fecha todos os seus órgãos às influências da imensidão do cosmos. Vemos aqui duas forças em oposição no decorrer do ano, que possuem incontáveis minúcias, mas que se apresentam numa totalidade fechada.

Quando olharmos com as forças da alma esse decorrer do ano, que se apresenta como uma unidade repetida a partir de um ponto e segue seu rumo quase da mesma maneira, descobrimos que ele nada mais é do que a necessidade natural. Como seres humanos, nós participamos dessa necessidade natural no decorrer da Terra. Se participarmos totalmente dela, estaríamos compulsoriamente submetidos a essa necessidade natural. No decorrer do ano, certamente estão presentes as forças e as potências naturais que são importantes para nós como habitantes da Terra, pois ela não muda rapidamente. Nos próximos dias, veremos outros ciclos parecidos, mas a Terra não muda significativamente ao longo de uma vida humana, de forma que as pequenas mudanças de ano para ano não se tornam perceptíveis. Portanto, na medida em que o ano compreende a primavera, o verão, o outono e o inverno, nós participamos anualmente com o nosso próprio corpo dessa necessidade natural.

É assim que devemos observar, pois somente a verdadeira experiência gera conhecimento. Teoria nenhuma gera conhecimento. Toda teoria parte de uma área específica {do conhecimento} e depois generaliza. A pessoa só adquire verdadeiro conhecimento quanto parte da vida e das experiências. Não se deve considerar isoladamente leis como as da gravidade, da vida vegetal, do instinto animal, da compulsão humana de pensar, pois, tomadas isoladamente, conduzem a generalizações absolutamente equivocadas. Elas devem ser consideradas aí onde as forças naturais mostram a sua ação recíproca e conjunta. É o caso do transcorrer do ano.

Uma observação superficial mostra logo que o ser humano é relativamente livre perante o decorrer do ano. Mas uma observação antroposófica mostra isso de maneira mais clara. Na observação antroposófica, nós olhamos os dois estados alternados nos quais o ser humano vive no período de 24 horas: o estado de vigília e o estado de sono. Sabemos que, durante o estado de vigília, os corpos físico, etérico e anímico e o eu constituem uma unidade relativa do ser humano. No estado de sono, os corpos físico e etérico permanecem íntimamente ligados, enquanto que o corpo astral e eu se desligam {dos corpos físico e etérico}. Quando olharmos com ajuda dos meios que a pesquisa antroposófica oferece e os senhores conhecem a partir da literatura existente o que os corpos físico e o etérico são em cada estado, então observamos o seguinte.

Quando o eu e o corpo astral se separam do organismo conjunto que inclui os corpos físico e etérico, começa neste organismo uma forma de vida que, visto exteriormente, só encontramos nas regiões mineral e vegetal da natureza. A vida mineral e a vida vegetal surgem nesse organismo. O organismo que reúne os corpos físico e o etérico só não passa progressivamente a ser uma soma de processos minerais e vegetais porque sua organização tem a ver com o corpo astral e o eu. Se o corpo astral e o eu do ser humano demorassem demais a se unir {novamente} a esse organismo, aí ele passaria a ter vida mineral e vegetal. Mas, assim que a pessoa adormece, começa a tendência desse organismo de se tornar mineral e vegetal, que passa a ser predominante durante o estado de sono.

Ao se observar o ser humano físico dormindo por meio da pesquisa antroposófica, pode-se então ver nele uma imagem verídica daquilo que a Terra é durante a primavera e o verão, considerando, evidentemente, as diferenças existentes entre o ser humano e a Terra. O elemento mineral-vegetal brota e cresce {no ser humano que dorme}, porém de maneira diferente de como as plantas crescem na Terra. Mas aquilo que ocorre nos organismos físico e etérico humanos durante o sono constitui uma imagem verídica daquilo que a Terra é durante a primavera e o verão. A organização do ser humano da atualidade vai ao encontro dessa natureza exterior. Ele pode dirigir seu olhar físico sem direção determinada por essa natureza exterior. Ele observa a vida que brota e

crece. A partir do momento em que o ser humano adquire as qualidades da inspiração e da imaginação, aí então seu olhar revela a visão do que caracteriza o verão na natureza do homem físico dormindo. Portanto, dormir significa que a primavera e o verão se ajustam aos corpos físico e etérico. Aí começa a vida que nasce e cresce.

Quando acordamos, ou seja quando o eu e o corpo astral retornam, aí então recua toda a vida que nasce e germina nos corpos físico e etérico. Para o olhar espiritual, a vida no organismo físico-etérico humano começa a se tornar muito parecida à vida da Terra no outono e no inverno. De fato, quando se acompanha a sequência dos estados de sono e de vigília, observa-se uma imagem microcósmica do outono, inverno, primavera e verão. Os senhores precisam apenas acompanhar com a visão espiritual o organismo físico-etérico durante 24 horas seguidas e terão diante de si o microcósmico decorrer do ano. Assim, ao considerar apenas aquilo que se vê {espiritualmente} no ser humano deitado na cama ou que ocorre durante o dia, o decorrer do ano transcorre microcósmicamente.

Bom, vejamos agora o outro lado daquilo que se separa durante o sono, o eu e o corpo astral do ser humano. Lançando mão novamente dos meios da inspiração e da intuição da pesquisa da Ciência Espiritual, constatamos que, enquanto o ser humano dorme, o eu e o corpo astral se entregam às potências espirituais, entre as quais somente poderão viver conscientemente em condições normais numa futura época da Terra. Então, devemos dizer que, durante o sono, do adormecer ao acordar, o eu e o corpo astral se retiram do mundo, assim como a Terra durante o inverno se retira da vastidão cósmica. O eu e o corpo astral se encontram de fato durante o sono na sua época invernal. Assim, o ser humano enquanto dorme mistura em si mesmo aquilo que a Terra inicialmente somente tem para as duas partes opostas da superfície terrestre: especificamente, durante o sono o seu físico-etérico de fato está no verão, ao passo que o seu eu e o corpo astral encontram-se no inverno.

Durante a vigília, é exatamente o contrário. O organismo físico-etérico encontra-se no inverno. O eu e o organismo astral se entregam àquilo que vem da vastidão do cosmos e que inicialmente podem encontrar no estado de vigília. Portanto, assim que mergulham no organismo físico-etérico, o eu e o corpo astral encontram-se no verão. Novamente, o inverno no organismo físico-etérico e o verão no organismo do eu e no corpo astral convivem lado a lado.

Considerando agora a Terra, ela também precisa ter ao mesmo tempo verão e inverno nas suas diversas regiões, mas as duas estações não podem misturar-se. Já no ser humano, o verão e o inverno microcósmicos se misturam constantemente. Quando uma pessoa dorme, seu verão físico mistura-se ao inverno espiritual; ao acordar, misturam-se o inverno físico e o verão espiritual. Na natureza exterior ao ser humano, o decorrer do ano separa o inverno do verão. O ser humano mistura permanentemente em si mesmo o inverno e o verão a partir de dois lados diferentes.

Portanto, os senhores entendem, que, ao ser humano não lhe é permitido ver interiormente as imagens que recebemos quando olhamos a natureza exterior, nem durante a vigília nem durante o sono. Não é permitido de maneira nenhuma ver essas imagens interiores, mas devemos dizer a nós mesmos: as imagens do decorrer dessa natureza perdem sua vigência no interior da natureza humana e nós devemos observar algo diferente. Quando o decorrer da natureza não mais incomodar no interior da natureza humana, aí então teremos a oportunidade de realmente ver a essência anímico-moral-espiritual do ser humano. Então, teremos uma relação ético-moral com o ser humano, da mesma maneira como temos uma relação natural com a natureza.

Quando nós mesmos nos observarmos com essa sabedoria conquistada – existe muito mais que também pode ser caracterizado dessa maneira -, aí vemos de maneira entrelaçada aquilo que se apresenta espalhado ao longo do decorrer do tempo. Contemplando o nosso interior, entendemos corretamente esse interior na forma que apresentei hoje, e, em consequência, trazemos algo diferente na relação que temos com o decorrer do tempo, comparado ao jeito que atualmente o conhecemos.

O modo de observação meramente científico-exterior não se eleva para expressar que, quando você observar o interior do ser humano, você deverá sentir o som harmonioso daquilo que, no decorrer do tempo, somente pode ser captado como um tom isolado dos outros. Se você desenvolver a audição espiritual, você adentrará o próprio decorrer do tempo e ouvirá simultaneamente os sons do verão e do inverno, que você os ouve {separadamente} lá fora no mundo. O tempo se transforma realmente em espaço. A vastidão do mundo, assim como a do tempo, soa ao nosso encontro, esticando na imensidão aquilo que soa a partir de nós mesmos como se fosse um centro, como se reunisse {os sons} num ponto.

Dá-se, de fato, o momento quando a observação científica desemboca na observação artística, quando a arte e a ciência não estão mais em oposição, como ainda acontece na atual época naturalística, mas, quando elas estão lado a lado, como, por exemplo, quando Goethe disse², mesmo que sem uma forte ênfase, que a arte revela, de certa forma, os segredos da natureza, sem os quais nunca será possível entender a natureza por completo. Deve-se entender a formação artística do mundo de um determinado ponto de vista. E, assim que a pessoa trilhar o caminho da transição da mera formação de conceitos científicos para o conhecimento da natureza³, então ela poderá também dar o terceiro passo, que é o do aprofundamento religioso.

² A frase de Goethe é “O belo é uma manifestação de leis secretas da natureza, que, se não se revelassem, permaneceriam eternamente ocultas para nós“. Ela consta do quinto volume, página 494, da obra *Estudos científicos de Goethe*, editada e comentada por Rudolf Steiner, parte integral da série *Deutscher National-Litteratur*, de 1883 a 1897, e reeditada em cinco volumes em Dornach em 1975. Rudolf Steiner escreveu em 1897 a esse respeito: “A arte e o belo não foram criados arbitrariamente pelo ser humano. Elas são formas elevadas do processo mundial geral, que se anuncia tanto nas produções artísticas quando na queda de uma pedra. O artista entrega obras que num sentido elevado são obras da natureza. Ele só pode criar algo digno quando os segredos da natureza lhe são revelados. Ele os incorpora às suas obras.”.

³ Conferir com o texto de Goethe na obra *Zahme Xenien*:

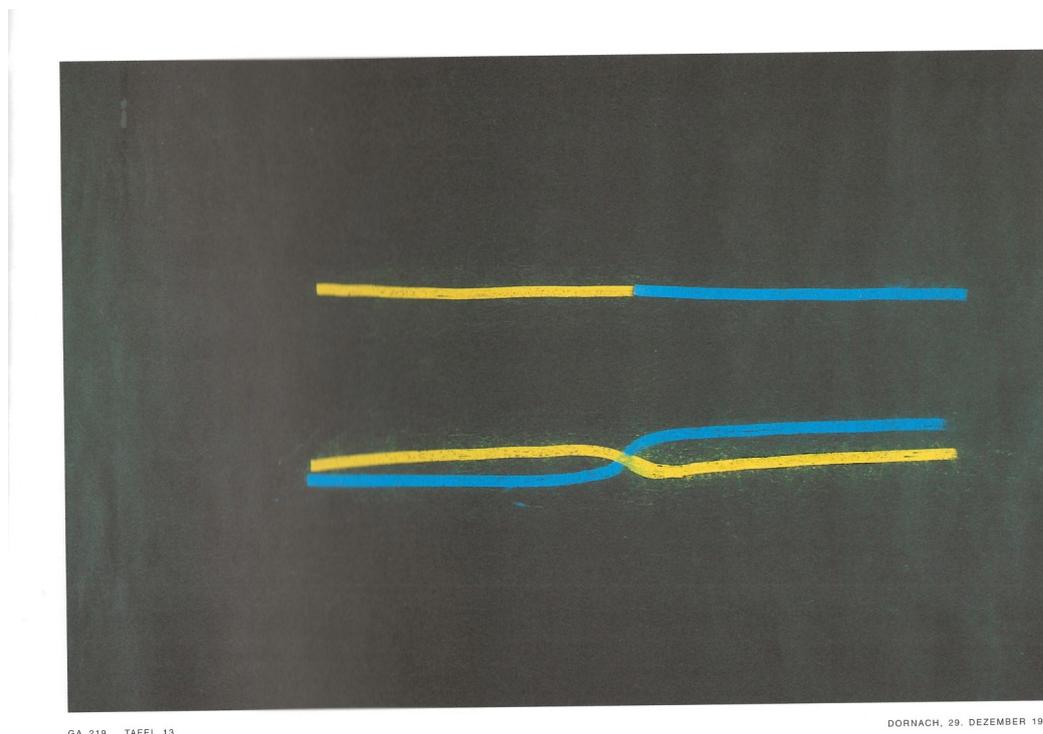
Quem possui ciência e arte,
 Possui também religião;
 Quem não possui nenhuma delas,
 Esse precisa de religião.

Assim que a pessoa se encontrar no centro onde as forças físicas, anímicas e espirituais do mundo agem conjuntamente, ela olha para fora na imensidão dos mundos. A volição humana eleva-se à criação artística e, finalmente, a uma determinada relação com o mundo, que não é um mero conhecer passivo, mas uma entrega afirmativa, que eu gostaria de caracterizar da seguinte maneira: o ser humano não vê mais o mundo de maneira abstrata com as forças da cabeça, mas ele começa a observar cada vez mais com toda a sua essência. E a vida conjunta com o decorrer do mundo será para ele um acontecer de outra qualidade do que a vida conjunta com os fatos do cotidiano. A vida conjunta com o decorrer do mundo transforma-se para essa pessoa num culto, surge o culto cósmico, do qual o ser humano pode participar em cada momento de sua vida.

Todo culto realizado na Terra é uma imagem do culto cósmico. O culto cósmico é mais elevado do que o culto da Terra. Quando nós realmente nos compenetrarmos com o que hoje foi dito, teremos ganho a possibilidade de observar a relação do olhar antroposófico do mundo com um culto religioso. É o que faremos nos próximos dias: captar um pouco das relações da Antroposofia com as diferentes formas do culto.

* GA 219 A correlação entre o mundo estelar e o ser humano. A comunhão espiritual da humanidade Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1994

Reprodução do desenho original de Rudolf Steiner



GA 219 TAFEL 13

DORNACH, 29. DEZEMBER 1922

Fonte: *Rudolf Steiner Tafelzeichnungen zum Vortragswerk*, Band (volume) XI p. 45, Rudolf Steiner-Nachlaßverwaltung, Dornach, 1996. O desenho foi publicado em preto e branco na edição de 1994 da GA 219.